



Escrito por
Norton Rungo

Escrito por
Norton Rungo

Capa e Design
Norton Rungo

Revisão

Todos os amigos que tiveram seus whatsapp's invadidos pelo pdf do livro inacabado
Muito Obrigado!

Produção Independente • 2025

© 2025 Ronin Studios. Todos os direitos reservados.
*Este livro é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é só
mera coincidência.*
Este livro é gratuito, portanto denuncie qualquer tentativa de venda

Capitulos

Capitulo 1 4

Capitulo 2 9

Capitulo 3 12

Capítulo 1

Sempre que seu dia começava, Akeen só conseguia pensar numa coisa:

- Espero que hoje seja diferente — pensou Akeen, enquanto empurrava a porta do pequeno restaurante onde trabalha, o sino da porta tocou, e já dava para sentir o cheiro do café, já dava para ouvir um jazz tocando de fundo, dando aquele clima noir no local.
- Good morning, sunshine!!! — gritava o Chef, que a cada dia tentava nos surpreender com uma forma nova de nos receber, na esperança de que isso melhorasse a clientela, sempre com um uniforme diferente, um sotaque diferente, e o bigode de sempre.

E o cheiro de batatas fritas, hambúrgueres, carnes assando, quebravam o cheiro de café, e isso era sinal de que a Hillary já havia chegado, e lá estava ela, na cozinha, atacando o prato como se a comida tivesse ofendido a família dela, era a mesma comilona de sempre, que sempre plantava uma dúvida na cabeça dos outros que a viam comer, “como ela continua magra?”.

- Se o Lázaro faltar hoje também, eu vou tatuar o nome dele num rato e soltar no carro dele — dizia ela com as bochechas cheias, já puxando outro prato para o recém-chegado.
- Eu achei que você seria mais sutil nas vinganças, algo leve tipo facada, envenenamento, morte de um parente — disse Akeen, enquanto olhava preocupado com a receita para o infarto em seu prato.
- O Chef me proibiu de usar facas em seres ainda vivos, e envenenamento não funcionou nele — disse ela, enquanto anotava algo num guardanapo e guardava no bolso. — Você conhece algum parente dele?.

O sino da porta tocou e...

- Bonjour! Merci d’être venu! — Gritou o Chef, feliz, enquanto todos olhávamos pra ele, confusos.
- Salut, merci! Alors, les affaires, ça roule aujourd’hui? — Respondeu Bernardo de forma casual, entrando apressado, como sempre, com seu terno azul índigo, camisa branca e gravata vermelha de sempre.
- Ah, e-eu não sei francês, s-só queria ser diferente hoje — gaguejava o Chef, envergonhado.
- Aqui está, o de sempre — interrompeu Akeen, com uma marmiteira e uma tosta de queijo.

Bernardo agradeceu, pagou e levou a comida para comer enquanto caminhava.

- Que homem estranho — disse Neo, que até o momento ninguém havia notado. Estava num cantinho mal iluminado, de fones e sem tirar o olhar do monitor.

Quanto mais tarde ficava, mais cinza o dia se tornava e as luzes fracas e amareladas do restaurante colocavam em evidência o clima de jantar a luz de vela. Quando, do nada, o telefone tocou. O Chef atendeu e...

- Akeen! Essa é pra ti — disse ele, depois de alguns “sins” e “nãos” ao telefone. — Temos uma entrega!
- Onde? — Perguntou Akeen, já se preparando.
- Nhamtuto! — Respondeu, enquanto escrevia o pedido num papel pra Hillary preparar. — Esse é bem longe daqui. Espero que chegue quente ainda.
- Ainda tem alguém vivo lá? — Perguntou Akeen?

— Aparentemente.

Passados alguns minutos, Akeen saía com sua mochila de entregas rumo ao Nhamtuto, um bairro conhecido por sua degradação. Um bairro quase abandonado. Um bairro que nunca recebe novos habitantes. Um bairro que serve como espaço para queima de lixo — o cenário estava sempre decorado com cinzas, fumaça e chamas ao fundo. E, pra combinar com o ambiente, o barulho das máquinas servia de trilha sonora.

— Até poderia ir caminhando — pensou Akeen, enquanto contava as moedas no bolso. — Mas não dá pra manter a comida quente caminhando por sete quilômetros.

Depois de um tempo, Akeen desceu do transporte público, celular na mão, procurando o destino no meio daquele bairro abandonado.

— Acho que isso é uma casa — disse ele, parado em frente a uma casa quase caindo, e gritou.

— Com licença!

Mas não importava quantas vezes ele gritava: ninguém atendia. Então decidiu entrar no quintal e gritar mais de perto. Tinha algo estranho ali... algo que parecia sangue escorria por debaixo da porta. Isso chamou a atenção do Akeen. Ele decidiu abrir a porta e ver o que poderia estar acontecendo lá.

Assim que entrou...

— Quê isso?! — Exclamou, diante de um cenário horrível. Havia umas três macas de hospital sujas de sangue, um balde com lençóis encharcados, com cadáveres por cima delas, materiais de laboratório, lixo, animais mortos, fluidos estranhos espalhados por todo lado, um cheiro pior que o de fora, cheiro de animais mortos, entre outros cheiros desconhecidos... e um enorme buraco na parede — Isso parece recente.

Ao se aproximar, ele viu um rastro de algo que parecia sangue ainda fresco com tons esverdeados. Seguindo a trilha de destruição que começava na parede, e seguia por entre as ruínas até um terreno que tinha como decoração pedregulhos, lixo, e resto do que pareciam ser casas, e viu no centro de tudo o que parecia ser uma luta. Era difícil de identificar no meio da fumaça, mas parecia como se tivesse um rapaz lutando contra uma criatura de dois metros ou mais, então decidiu se aproximar pra ver melhor. Talvez até ajudar.

Quando de repente uma silhueta na fumaça...

— Ah, você está aí. — Disse Lázaro, escondido no meio dos escombros, observando a luta.

— Você? Aqui? — Perguntou Akeen, se juntando a ele.

— Pois é, pois é. Eu investigava uns casos de sequestro que o Chef pediu, e me deparei com um cientista doido que sequestrava gente e fazia das vítimas cobaias — explicava ele, enquanto abria a mochila de comida que o Akeen trazia.

— Sério! E onde o cientista está? — Perguntou Akeen, abrindo um pote de maionese.

— Ele tá ali — disse, apontando pra luta ao fundo. — É o gigante de jaleco.

— Deixa eu adivinhar... testou a criação em si mesmo e deu errado? — Concluiu Akeen, comendo a comida que ele mesmo trouxe. — E quem é o outro?

— Riot. Aparentemente, estávamos atrás da mesma coisa, mas eu decidi deixar a luta com ele — disse Lázaro, procurando por mais comida na mochila. — Acho que você devia ajudar.

— Naah, o Riot consegue.

— Apostos duzentos no gigante.

— Coloco quinhentos na derrota do gigante.

Enquanto o Riot dava sua vida naquela luta, esquivando, dando golpes que pareciam não fazer efeito, usando aparatos como minibombas, cordas até armas de choque, mas nada funcionava, e o tempo dele ficava escasso com o cansaço, falta de ideias, corpo arrebentado, enquanto por outro lado o gigante não diminuía o ritmo, era um soco atrás do outro, tentativas de agarrões, muitas delas com sucesso, com o Riot saindo por sorte e insistência, e mais uma vez o gigante balançou seu enorme braço, Riot foi arremessado e caiu perto dos dois espectadores.

— Não pensem em me ajudar — disse o Riot, exausto e todo quebrado. — Eu consigo sozinho.

— Saia já daqui! — Pediu Lázaro carinhosamente, ajudando-o a levantar — Antes que o Hulk lá venha até aqui.

— Tô começando a achar que ele não consegue — disse Akeen, vendo o Riot partir rumo à sua possível derrota.

A luta que parecia uma preparação para o funeral do heroizinho, Riot continuou, seguindo para o segundo round, tendo perdido humilhantemente o primeiro, mas seu orgulho como lutador borbulhava dentro de si, tentava se concentrar e melhorar seus reflexos, enquanto pensava numa estratégia para acabar com a luta. Continuou usando suas bombas como distração, enquanto montava armadilhas na arena, mas o monstro nem se preocupava em evita-las, elas não tinha efeito, as bombas eram fracas, ele rompia as cordas de aço sem muito esforço e sua arma de choque só o deixavam ainda mais irado.

- Nada funciona! – pensou Riot, quase perdendo esperança, enquanto via seu ultimo rolo de corda de aço sendo rasgado pelo gigante.

- Tem certeza que não quer ajuda? – Perguntou Lazaro.

- Não! – Gritou Riot.

- E você luta agora? – Perguntou Akeen, olhando confuso para o Lazaro.

- Quem? Eu não. Eu ia te inscrever para o próximo Round.

- Fico lisonjeado por você achar que consigo lutar com aquilo.

E enquanto eles conversavam despreocupados...

- Então é assim termina. – Pensou Riot, exausto, vendo um soco com um punho de seu tamanho vindo em sua direção como um carro.

Riot foi lançado contra uma parede e a luta terminou da forma mais óbvia possível, o Riot no chão e desacordado, e o monstro que mais parecia um touro raivoso, olhou para dupla de preguiçosos, e partiu pra cima deles.

- Eu sabia que isso aconteceria – disse Lazaro enquanto procurava algo no bolso – Aqui, usa isto.

- E o que seria isto? – Perguntou Akeen enquanto recebia uma seringa.

- O antidoto, estava na mesa dele cientista.

- E você tinha isso o tempo todo.

- Você colocou quinhentos na mesa, não podia perder, agora vai lá recuperar seu dinheiro.

Akeen se levantou, respirou fundo, segurou firme a seringa, esperou o momento certo e esquivou o primeiro golpe, e correu, atraindo o monstro para longe de seus companheiros, o monstrengo

humanoide, seguiu, correndo e rugindo como um animal raivoso, parecia uma manada de búfalos, a cada passo era um tremor.

Akeen parou, esperou o momento certo para outra esquivada, o gigante, viu ele parado, aumentou sua velocidade, e investiu, Akeen esquivou por pouco, mas não conseguiu uma abertura.

Depois de muitas tentativas de achar uma abertura, depois de vários golpes inúteis, ele conseguiu uma abertura, quando o gigante tentou golpear e acertou o chão, Akeen escalou seu braço e montou no monstro, que não parava de se debater tentando alcançar o homenzinho em suas costas, e Akeen, tentando se manter firme como um domador de touros, conseguiu fincar a agulha em seu pescoço e colocou para dentro o antídoto no monstro.

- Consegui! – Gritou de alegria, e com um certo alívio.

Mas o gigante não parou, e aproveitando-se da guarda baixa agarrou Akeen, e lançou-o contra o chão, ergueu seus dois braços, pronto para dar seu golpe final, quando por sorte e pela lei da inércia, o antídoto fez efeito, e o gigante com os braços para cima e com uma cara sonolenta caiu para trás.

- E Golias caiu! – Gritou Lázaro.

- O que vamos fazer com ele? – Perguntou Akeen exausto.

- Não é meu departamento, vamos deixá-lo aqui. Agora carregue o Riot, e vamos até o carro.

- Quem? Eu? Carrega você.

- Eu não quero me sujar com sangue.

Enquanto os dois discutiam, Riot acordou, aproveitou a distração deles e saiu dali.

- Ingrato. – Disse Lázaro ao perceber que Riot se foi.

Depois de ligarem para polícia para virem buscar o gigante que aos poucos diminuía de tamanho e voltava a se parecer mais com um humano, eles entraram no carro do Lázaro, e voltaram para o restaurante, saindo daquele ambiente degradante e barulhento.

- Não vai entrar? – Perguntou Akeen, parado na entrada do restaurante, segurando a porta.

- Não, ainda tenho trabalho por fazer.

- Não é por medo da Hillary?

- Eu? Com medo de mulher? Nunca! – Disse Lázaro visivelmente com medo, parecendo alguém lembrando de um momento traumático.

- Entra lá, o Chef a proibiu de usar facas, está seguro agora.

- Ainda não parece seguro o suficiente.

- Você que sabe. – Respondeu Akeen, enquanto entrava, e o no fundo o som do carro se afastando.

- Era Lázaro lá fora? – Perguntou Hillary com um arco e flecha nas mãos pronta para atirar.

- Não, era um amigo meu. – Mentiu Akeen, tirando a arma das mãos dela.

- Ah está bem então. – Respondeu ela com um sorriso fofo como de uma criança inocente. – Ah sim, deixei algo para ti na cozinha, vamos comer antes que esfrie.

Depois de quase ter acabado com a dispensa do restaurante, chegou a hora de fechar, e como habitual, Akeen e Hillary, limparam e saíram, deixando o Neo e Chef sozinhos, e seguiram rumo a casa. Caminhavam por ruas iluminadas com postes, a cacimba servia como cortina, escondendo o que estava cinco metros em frente deles, e durante o caminho todo a Hillary falava de novas receitas

que queria experimentar, e Akeen que já não queria nem ver um grão de arroz na sua frente, só concordava e seguia com a conversa.

- Ate amanhã. – Disse Hillary, em frente seu destino, sua casa, uma casa bem bonita, com um jardim recheado de árvores fruteiras na frente, e uma pequena casa no fundo.

- Bons sonhos. – Respondeu Akeen, enquanto virava em direção sua casa, que ficava a quase um quilómetro dali.

- Ah sim, quase me esquecia, seu casaco. – Disse Hillary, enquanto tirava o casaco emprestado por Akeen.

- Obrigado. – Respondeu Akeen, recebendo seu casaco.

Assim que Hillary entrou em sua casa, Akeen começou sua corrida ate casa, na tentativa de diminuir a quantidade de calorias ingeridas naquele dia.

Capítulo 2

Set e Osíris

Mais uma vez, Chef teve um daqueles sonhos vívidos, parecia que ele estivesse vivendo memórias de alguém, e dessa vez ele estava na pele de uma criança, uma criança que ele nunca viu, uma criança com vestes que não eram deste tempo, roupas que pareciam ser outro século, talvez outro milênio, adornada com colares e pulseiras de ouro e esta criança brincava num palácio muito bonito, parecia algo da nobreza... não, da nobreza não, parecia algo mais acima, parecia um palácio real, e esta criança brincava ao lado de seu irmão alguns anos mais velho, eles pareciam muito felizes juntos, o que era estranho para Chef, por que ele sabia como essa história terminava, toda vez que ele viajava nas memórias desse homem desconhecido, o desfecho era o mesmo, um final brutal para dois irmãos que pareciam felizes, a história sempre começava com um trecho feliz e cortava para a morte do irmão mais novo, pelas mãos do irmão mais velho, as mortes eram sempre diferentes, mas os atores da história eram os mesmos, e a parte mais intrigante para o Chef, é que ele sempre via um rosto familiar no irmão mais velho, ele via o rosto de Ephir.

E sempre que estes sonhos vinham, Chef anotava num diário, ele anotava e tentava entender porquê Ephir o matava, que conexão ele tinha com um dos homens mais importantes do mundo.

Mas seus pensamentos foram interrompidos pelo sino da porta, era o casal de detetives Lady e King, duas pessoas opostas uma da outra, mas que pareciam combinar um com o outro, enquanto Lady era mais organizada e chique, dessa vez trajava um sobretudo preto com os botões abertos na frente, mostrando um vestido que parece ter vindo de uma capa revista, enfeitada com brincos brilhantes, um colar de perolas, e sempre de salto alto e óculos escuros que só tirava em interiores, enquanto por outro lado tínhamos um homem que mais parecia uma criança birrenta que foi vestido pela mãe, com o mesmo sobretudo castanho de sempre, camisa para fora das calças, gravata baloiçando no pescoço, e barba por fazer, e com um palito na boca, bom pelo menos tinha antes de Lady tirar de sua boca.

- Alguma coisa? – Perguntou Chef enquanto dava dois toques no sino da cozinha.

- Parece que tivemos algo grande dessa vez. – Respondeu Lady sentando-se no balcão.

- Parece que nós também. – Disse Chef, tirando uma pasta com papéis do balcão. – Senhoras primeiro.

- Senhorita. – Corrigiu Lady. – Então... A SethCorp, não é só uma ONG de ajuda aos mais necessitados, aparentemente, por debaixo dos panos, o tão benevolente e filantropo líder, seleciona crianças e as sequestra ainda não sabemos para que fins, geralmente duas ou três por ano.

- Nos também conseguimos algo. – Disse Chef. – Lazaro se infiltrou em algumas instituições da SethCorp e...

- Conseguiu credenciais para acessar a base de dados... - Interrompeu Lady - ... entregou para Neo, que acessou e descobriu que tinham várias adoções suspeitas, quase todos os anos, e sempre de rapazes que tinham características similares, o que significa que provavelmente eles vendem as crianças ou talvez seus órgãos.

- M-Mas como vocês...

- Descobriram? – Cortou Lady mais uma vez – Digamos que... seguimos Lazaro, só para confirmar algumas coisinhas.

- Então vocês espionaram meu espião?

- Vi alguns relatórios... – Acrescentou King, colocando outro palito na boca – ... e parece que tem muito mais do que só sequestros, sinto que tem muita podridão naquela corporação.

- E recentemente um possível alvo foi adotado, e a entrega será no início da próxima semana – acrescentou Lady.

- Nós já sabíamos! – Disse Chef visivelmente orgulhoso de si mesmo – E Akeen já se ofereceu para fazer o resgate.

Enquanto isso na cozinha, despreocupados, Akeen e Hillary jogavam cartas, ouvindo a conversa que vinha de fora.

- Você se ofereceu? – Perguntou Hillary enquanto puxava uma carta do baralho.
- Não. – Respondeu Akeen, jogando um As de copas.
- Mas você concordou em fazer o que ele mandar no momento que assinou o contrato.
- No contrato aparece moto boy e não aspirante a John Wick.
- E nem moto tem aqui.
- Nê? Me sinto enganado.

Na cozinha reinava um clima leve, e lá fora os adultos planejavam nos mínimos detalhes o resgate de um garoto que sequer conhecem.

- Akeen vai ter que fazer uma entrega reversa dessa vez. – Disse King na tentativa de emendar uma piada num momento serio.
- Então... - disse Lady ignorando a piada fracassado de seu companheiro - ... nós vamos atualizar assim que soubermos a data exata para a extração, e confiar no vosso lavador de pratos.
- Ele é bem ágil. – Respondeu Chef – Ele consegue entrar, pegar uma criança e sair de lá.
- Você sabe que ele terá que fazer isso num carro em movimento nê? – Perguntou Lady.
- Akeen! Você consegue nê? – Chef perguntou, olhando para o Akeen na cozinha, e antes que ele conseguisse responder – Eu disse que ele consegue.
- Esta certo então. – Respondeu Lady já duvidando do sucesso dessa missão.
- Mas já agora... - indagou King - ... por quê você investiga Ephir com tanto esforço.
- Pensei que vocês fossem bons detetives. – Respondeu Chef.
- Sim, detetives e não videntes. – Respondeu Lady. – Me explique porque um riquinho, dono de um restaurante decidiu investigar o dono da SethCorp.
- Intuição. – Respondeu Chef.
- Intuição? – Questionou King.
- Você nos requisitou só porque teve uma intuição? – Perguntou Lady.
- Tua sorte é que nos gostamos de um bom desafio. – Disse King.
- E dinheiro é sempre bem-vindo. – Acrescentou Lady.
- Viu? Todos ganham. – Concluiu Chef.
- Enfim... - suspirou Lady enquanto descia da cadeira se preparando para ir - ... espere nossas notícias.
- Até a próxima – disse King enquanto abria porta para sua companheira que aproxima para tirar o outro palito.

Depois da porta fechar, Chef voltou a ficar com uma cara pensativa, enquanto abria seu diário de sonhos, tentando entender o que se passa.

E na cozinha...

- Estou orgulhosa de ti, por ter se oferecido para fazer esse resgate. – Brincou Hillary dando dois toques no ombro de seu colega.
- Em nenhum momento eu concordei com isso.
- Ah! Eu sabia, você odeia crianças. – Disse Hillary fingindo choque.
- O quê! Eu não odeio crianças.
- Vamos fingir que é verdade. – Debochou Hillary
- Mas é verdade, eu amava meus irmãos ...
- Hey! Cuidado com a carne. – Cortou Hillary apontando para o fogão que parecia cuspir chamas. – Se isso queimar você vai ver.
- Calma aí está tudo sob controle. – Disse Akeen desligando o fogão e tirando a frigideira do fogão. – Viu, só torrou um pouco.
- Teve sorte dessa vez. – Disse Hillary aliviada – Agora descasque as batatas.
- Porque eu?
- Você não vai comer? E também, você é o faz tudo daqui, se Chef pode te usar, eu também posso.
- Você vai comer mais que eu, e um dia ainda vou arranjar um advogado.

Hillary riu, Akeen selecionou batatas, e o restaurante seguiu com um clima leve e divertido, sem saber que do outro lado da cidade uma criança órfã tinha seus papéis de adoção assinados com nomes sem dono.

Capítulo 3

Akeen e Eli

Final de terça-feira, céu fechado com nuvens, ruas sujas, apertadas e mal iluminadas, letreiros de bares e casas de prazer piscando, Lazaro vestindo uma camisa branca de mangas curtas, canetas no bolso, um crachá falso da SethCorp no peito, uma gravata passando da cintura, suspensórios, uma calça que não chega aos pés e...

- Eu não acredito, All Stars? – Perguntou Akeen julgando o look de seu companheiro.
- É pra combinar com os óculos. – Respondeu Lazaro enquanto ajeitava seus óculos falsos de armação enorme. – Vá logo para tua posição.

Akeen obedeceu, e subiu numa das casas abandonadas que estavam ali, e escondeu a espera do momento certo. E depois de alguns minutos, faróis espreitavam no final da rua, e batia com a descrição do carro que eles esperavam. Lázarou deu um sinal para o carro parar assim que ele aproximou.

- Quem é você? – Perguntou Jour, motorista do carro.
- Acho que é o inspetor que eles mencionaram. – Sugeriu Four, o homem que estava no banco de passageiro.
- Meu nome é Bartholomew Theodore Ezekiel Von Techstein III. – Respondeu Lazaro na maior naturalidade.
- Que merda foi essa? – Pensou Akeen já duvidando do sucesso do plano A.
- Você disse Von Techstein? – Perguntou Bruno, um homem de terno branco, enquanto saia do carro. – Você é parente do Augustus Von Techstein II?
- Não. – Respondeu Lazaro. – Vamos prosseguir logo com a verificação, tive um dia puxado.
- Va em frente. – Disse Bruno cedendo passagem para Lazaro.

E quando se aproximou do carro, para ver o que estava lá...

- Onde está a criança? – Perguntou Lazaro.
- Como assim onde está a criança? – Questionou Bruno sem entender, enquanto aproximava do carro.

Bruno colocou sua mão sobre o ombro de Lazaro, puxou-o para trás para ter uma visão melhor, tirou os óculos escuros, colocou no bolso de sua calça, e quando levantou seus olhos... já pronto para dar a resposta mais arrogante chamando o Bartholomew de burro.... Ele viu e... congelou

- Onde está a criança? – Perguntou ele, já com o coração acelerado.

O caos se instalou no local.

Todos saíram do carro para procurar.

Lázaro estava confuso, mas não podia fazer nada que estragasse seu disfarce.

Akeen ao longe, estava confuso com o caos lá em baixo, sem entender o que acabara de acontecer.

Jour correu para verificar a parte de trás, e Four vasculhava por debaixo do carro.

Quando de repente...

CRASH!

Uma garrafa quebrando, vinda de um beco escuro.

Todos olhares se voltaram na mesma direção, e o pensamento foi unanime:

- É ele!

A temporada de caça começou.

Jour e Four começaram a corrida, saltando por cima dos entulhos, pedras, e pilhas de lixo que decoravam as ruas, fazendo curvas apertadas nas vielas que se pareciam com um labirinto.

Akeen não ficou para trás, evitando o labirinto, foi por cima das casas.

Enquanto pulava de teto em teto, amassando o zinco de casas alheias, enquanto procurava por uma criança correndo... quando do nada... o teto cedeu, abriu, e Akeen caiu.

Ainda confuso com a queda, ele viu algo enquanto a fumaça dissipava.

Uma criança que tentava se esconder, com a mão cobrindo a boca e visivelmente assustada, aparecia em meio a fumaça.

Akeen sorriu feliz, afinal o azar virou sorte, mas o barulho que ele provocou chamou os outros predadores.

E enquanto os outros predadores quebravam as janelas entrando, Akeen segurava o garoto, e saía pela porta, correndo o mais rápido que podia, esquivando-se dos obstáculos, e com a criança se debatia, esperneava, xingava e mordia o ar.

Four e Jour sabendo do perigo que era perder aquela criança, não ficaram para trás. Dividiram se, e seguiram com a busca, invadiram ruelas, cortiços e até casas alheias.

Akeen percebendo que não iria longe com uma criança no colo, resolveu confiar no garoto. Escondeu-o num canto escuro, entre latas de lixo, tirou um cartão do Black Brew do bolso, entregou para o menino, e disse.

- Se eu não voltar em breve, procure este café.

O garoto olhou para ele com um misto de medo e dúvida, mas, por algum motivo decidiu confiar no homem que até pouco tempo parecia um dos sequestradores.

Akeen saiu calmamente, contornou a viela, e voltou direto para o caminho dos dois perseguidores.

- Perdão senhores – disse, ajeitando a camisa. - Mas vocês viram um rapazinho? Baixinho, uns treze anos, camisa branca e larga, e com cara de quem escapou um sequestro?

- Você! – Gritou Four puxando uma faca do bolso.

- Eu. – Respondeu Akeen, com um sorriso de canto.

Four investiu com a faca, Akeen conseguiu se esquivar, colocou uma perna na frente dele e empurrou, Four caiu no lixo com um grunhido abafado, cravando a faca em seu próprio peito.

Ele ia fazer uma piadinha com a situação, mas, ouviu um grito por trás, acompanhado de um rasgo no braço.

A lâmina de Jour entrou firme.

Ele olhou para o ferimento, depois para Jour, fazendo uma cara genuína de surpresa.

- Você me esfaqueou? – Perguntou Akeen.

Jour tentou desferir um soco, mas Akeen abaixou e contra atacou com um gancho em seu queixo, nocauteando-o, e antes que ele pudesse cair, arrancou a faca de seu próprio braço, com uma careta curta de dor, e cravou na coxa de Jour.

- Não vais participar da próxima maratona, desculpe. – Disse Akeen para seu oponente que agora esta no chão.

Akeen olhou para o sangue em seu braço, puxou a parte rasgada da camisa para tentar ver a ferida e pensou...

- Melhor a Hillary não ver isso.

Akeen lembrou da criança, e decidiu voltar.

- Você ainda esta aqui? – Perguntou Akeen, estendendo a mão. – Vamos.

A criança levantou e pegou na mão dele, sem medo dessa vez.

- Qual é o seu nome? – Perguntou Akeen.

- Eli. – Respondeu a criança.

- Ta com fome?

- Tou.

- Muita fome?

- Sim.

- Ainda bem, você vai me salvar da Hillary hoje.

- Quem é Hillary?

- É uma moça muito bonita que ama comer.

- Não mais que eu.

- Você só acha isso porque ainda não a viu comer, mas acho que vocês vão se dar bem.

Enquanto os dois entrosavam, Lazaro no final da rua, em seu carro, buzina chamando atenção dos dois, e enquanto os dois aproximavam...

- Hey Lazaro, ainda bem que esta aqui... - Disse Akeen – Diga para ele como a Hillary é.

- O demônio cujo o nome não deve ser mencionado... - respondeu Lazaro - ... é um monstro cruel, que não se importa com as pessoas ao seu redor, capaz de matar inocentes, e acima de tudo ela...
- Já chega. – Cortou Akeen – Eu não deveria ter perguntado para ti. Confia em mim garoto ela é um anjo guloso.
- Não acredite nele. – Disse Lazaro.
- Cala boca e abra a porta.
- O garoto entra e você não.
- Porque não?
- Olhe só para esse sangue, e depois olhe para os meus bancos limpinhos. Aqui não você não entra broder.
- O que você quer que eu faça.
- Va a pé, você gosta de andar.
- Tou cansado demais para voltar a pé.
- Ok, ai atras tem uma lona, estenda ela no porta-malas e entre la.
- Você quer que eu vá no porta-malas?

Depois de alguns minutos de discussão, Lazaro cedeu, e deixou Akeen subir, depois de enrolar a lona em seu corpo, parecendo um corpo embalado. Conversaram com o Eli durante toda viagem, e quando chegaram no Black Brew...

- Não vai entrar? – Perguntou Akeen enquanto o Eli ajudava a desenrolar a lona.
- Hoje não. – Respondeu Lazaro enquanto ligava o carro e saia dali.
- Porque ele não entra? - Perguntou Eli curioso.
- Tem medo da Hillary. – Respondeu Akeen.
- Porque?
- Não vais querer saber.

Akeen abriu a porta para Eli, mostrando o interior do restaurante, com as luzes principais já apagadas, só as luzes fracas e alaranjadas, que criavam aquele clima dark, e talvez romântico para alguns casais, na mesa próximo estava la sentados Lady, King, enquanto comiam um bife e tomavam vinho, e chef no balcão...

- Eu disse que eles conseguiam. – Disse Chef com um sorriso orgulhoso.

Lady, só deu um suspiro arrogante, e voltou para sua taça. Akeen encaminhou Eli para mesa dos dois, Chef trouxe um prato para o menino, e sentou se com eles, para tentarem extrair informações e acalantar o miúdo.

Akeen seguiu até a cozinha para conversar com sua amiga e se limpar, esquecendo-se da ferida em seu braço.

- Graças a Deus, você esta ferido. – Disse Hillary feliz segurando no braço dele. – Já faz um bom tempo que quero testar essa mistura.

- Você disse “Graças a Deus”? – Perguntou Akeen preocupado com a sanidade de sua colega.

Sem responder, Hillary puxou Akeen até seu pequeno laboratório, um lugar cheio de plantas, uma bancada com frascos rotulados com líquidos coloridos, microscópio, bisturis, tinha uma cama medica no meio, a sala tinha mistura de cheiros de plantas, café e um toque leve de álcool.

Hillary empurrou Akeen para a cama, tirou sua camisa, usou um jaleco, tirou uma caneca que tinha escrito nela “Veneno, não beba” com uma carinha feliz e flores decorando, deu um gole no conteúdo dela, e disse.

- Aaah, nada melhor que um chá de hibisco com maçã antes de escapelar um colega.
- Meu Deus. – Pensou Akeen já sabendo o que lhe aguarda.